

ARTIGO

BACURAU E RESISTÊNCIA IDENTITÁRIA: UMA ANÁLISE NAS CONCEPÇÕES DA SEMIÓTICA DA CULTURA

BACURAU Y LA RESISTENCIA IDENTITARIA: UN ANÁLISIS EN LAS CONCEPCIONES SEMIÓTICAS DE LA CULTURA

BACURAU AND IDENTITY RESISTANCE: AN ANALYSIS IN THE CONCEPTIONS OF SEMIOTICS OF CULTURE

Tassiane Ribeiro de Jesus¹
Paloma Nogueira Mendonça²
Thalles Rezende Corrêa³
Letícia Cunha Braga⁴
Herberty Silva de Souza⁵
Ana Erly Carmo Silva⁶

RESUMO:

Propõe-se, neste artigo, evidenciar o sistema de signos manifestado pelo âmbito audiovisual na obra cinematográfica nacional “Bacurau”. A semiosfera exibida do Nordeste brasileiro e o confronto violento com a semiosfera norte-americana são analisados por meio de cenas, diálogos, traços dos personagens e entrevistas dos

¹ Curso de Letras: Português e literaturas no Instituto Federal Fluminense Campos Campus Centro e bolsista do programa de residência pedagógica no IFF, em parceria com o C.E. Dom Otaviano. E-mail:

rj.tassiane.99@gmail.com

² Curso de Letras - Português e Literaturas, no Instituto Federal Fluminense, Campus Centro, Campos dos Goytacazes. E-mail: palomanmendonca@gmail.com

³ Curso de Letras - Português e Literaturas, no Instituto Federal Fluminense, Campus Centro, Campos dos Goytacazes. E-mail: miletofrancois@gmail.com

⁴ Licenciada em Letras - Português e suas literaturas pelo Instituto Federal Fluminense campus Campos-Centro do Estado de Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes. Foi bolsista do Projeto de Desenvolvimento Acadêmico e Apoio Tecnológico intitulado "Vivência e Prática do Texto Jornalístico no Campus", atuando no setor Comunicação Social (ASCOM) do IFF Campos-Centro; e bolsista de iniciação científica (PIBIC) tanto no projeto "A experiência do texto: por uma metodologia para ler, compreender e analisar textos jornalísticos atuais no ensino médio", em 2020, quanto no projeto "Produções literárias de autoria negra: textos que impactam a educação brasileira". E-mail: leticiajunhabraga@gmail.com

⁵ Curso de Letras - Português e Literaturas, no Instituto Federal Fluminense, Campus Centro, Campos dos Goytacazes. E-mail: herberty.souza98@gmail.com

⁶ Curso de Letras e Literaturas no Instituto Federal Fluminense, professora da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. E-mail: anaerlycarmo@gmail.com

diretores. Este trabalho é orientado à luz das concepções teóricas da Semiótica da Cultura, fundamentadas por Lotman (1996), Velho (2009) e Américo (2017), em sua maioria. Desse modo, a metodologia selecionada é a pesquisa bibliográfica, com a finalidade de verificar diferentes aspectos da Semiótica da Cultura incorporados no filme brasileiro. Conclui-se que a obra é repleta de signos que acarretam reflexões sobre a atual conjuntura política e social do Brasil e nossa relação com países imperialistas.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica da Cultura. Semiosfera cinematográfica. Bacurau.

RESUMEN:

En este trabajo se propone resaltar el sistema de signos manifestado por el ámbito audiovisual en la obra cinematográfica nacional “Bacurau”. La semiosfera expuesta del Nordeste brasileño y el violento enfrentamiento con la semiosfera norte-americana se analizan a través de escenas, diálogos, atributos de personajes y entrevistas de los directores. Este trabajo se orienta a la luz de los conceptos teóricos de la Semiótica de la Cultura, fundamentados en Lotman (1996), Velho (2009) y Américo (2017), en su mayoría. De esta manera, la metodología seleccionada es la investigación bibliográfica con el fin de verificar diferentes aspectos de la Semiótica de la Cultura incorporados en la película brasileña. Se concluye que la obra está llena de signos que conducen a reflexiones sobre la situación política y social actual en Brasil y en nuestra relación con los países imperialistas.

PALABRAS CLAVE: Semiótica de la cultura. Semiosfera cinematográfica. Bacurau.

ABSTRACT:

It is proposed in this article to evidence the system of signs manifested by the audiovisual scope in the national cinematographic work “Bacurau”. The semiosphere exhibited of the Brazilian Northeast and the violent confrontation with the North American semiosphere are analyzed through scenes, dialogues, character traits and interviews with the directors. This work is oriented in the light of the theoretical concepts of Semiotics of Culture, based on Lotman (1996), Velho (2009) and Américo (2017), mostly. In this way, the selected methodology was bibliographic research with the purpose of verifying different aspects of Semiotics of Culture incorporated in the brazilian film. We conclude that movie is full of signs that leads to reflections about the current political and social situation in Brazil and our relationship with imperialist countries.

KEYWORDS: Semiotics of Culture. Cinematic semiosphere. Bacurau.

1 – INTRODUÇÃO

A todo momento somos rodeados de informações transmitidas por linguagens particulares, por meio de gestos, imagens e códigos que constroem uma relação com nossa percepção individual, causando-nos sensações, pensamentos, lembranças e associações. Um dos veículos de informação mais populares que conhecemos são os filmes, apresentando uma complexa rede de significação. Análises semióticas auxiliam-nos a extrair dos elementos visuais e não-verbais o discurso projetado e efeitos de sentido a partir de signos interpretados sob uma perspectiva teórica e contextual.

A Semiótica da Cultura é uma corrente que discute os aspectos sociais, filosóficos e tecnológicos que influenciam a produção de signos de uma cultura e os processos de comunicação e significação de um grupo social. Sendo assim, como nos afirma Ana Paula Machado Velho, no artigo “A Semiótica da Cultura: Apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação” (2009), tal teoria pode ser definida como um "instrumento de análise e reflexão sobre os mais diferentes tipos de produção cultural" (VELHO, 2009, p. 250), por procurar compreender como as diferentes culturas em momentos histórico-sociais variados são representadas por meio de signos e textos nos diferentes suportes de informação da sociedade.

A partir dos pressupostos de Lotman (1996), Velho (2009), Machado (2013) e Américo (2017), o objetivo do presente trabalho é analisar semioticamente o filme "Bacurau", dos autores e diretores Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, considerando-o como um sistema de signos, e demonstrar como alguns conceitos da Semiótica da Cultura se aplicam a ele. Nesse sentido, norteamos o trabalho para responder à seguinte pergunta: De que maneira os conceitos principais da Semiótica da Cultura podem agregar à análise cinematográfica do filme “Bacurau”?

Iniciamos expondo o panorama geral da obra, detalhando dados da produção cinematográfica a fim de uma melhor contextualização sobre o referencial cultural suscitado pelo longa-metragem. Em seguida, abordamos o conceito de Semiosfera com o objetivo de descrever as particularidades de Bacurau e seus moradores, além de discorrer sobre o confronto de semiosferas distintas e as consequências acarretadas, bem como discussões acerca da fronteira e tradição sígnica. Mais adiante, designamos o conceito de Sistemas Modelizantes e apontamos sobre como eles se fazem presentes no filme, desde o roteiro até símbolos audiovisuais. Por fim, verificamos de que forma a cultura brasileira é reafirmada na obra, através das

referências a acontecimentos marcantes da história nacional, no decorrer do longa-metragem.

2 – A OBRA CINEMATOGRAFICA BACURAU COMO OBJETO DE ANÁLISE

A história passa-se na comunidade fictícia de Bacurau, interior do Nordeste, aparentando ser uma vila isolada e pobre, porém, não antiquada, com moradores solidários e unidos. O falecimento da personagem dona Carmelita e a descoberta da ausência de Bacurau nos mapas digitais são os episódios iniciais. À medida que acontecimentos estranhos e cruéis são descobertos, o povoado organiza-se para proteger sua localidade e desvendar quem são os responsáveis pelas fatalidades ocorridas. Particularidades da narrativa guiam os telespectadores a entenderem que ela se passa em um futuro não tão distante.

Como Ricardo Daehn afirma na matéria “Premiado em Cannes, 'Bacurau' estreia no circuito comercial” (2019), deparamo-nos com uma comunidade heterogênea, salientando “congraçamento étnico, etário e regional, com sotaques plurais em cena”, na qual “a escola e o museu são fortalezas” (DAEHN, 2019). Submetida pela condução de um prefeito corrupto e ganancioso, a população manifesta forte resistência às circunstâncias explicitadas durante o longa-metragem. O desenvolvimento da história envolve o impasse da concentração de renda, causando desigualdade social, escassez de recursos, preconceitos, violência explícita e simbólica, além de manipulação utilizando influência política e poder econômico.

Produzido por Kleber Mendonça Filho, 51 anos, e Juliano Dornelles, 40 anos — ambos diretores e roteiristas pernambucanos —, o filme Bacurau foi visto por mais de 715.000 pessoas no cinema e arrecadou cerca de 11,2 milhões de reais. Apontado como um western brasileiro (ecoa a estética e essência de filmes de faroeste e cowboys, marcando a resistência do cangaço e um senso de coletividade), presenteia o público com uma mistura de gêneros entrelaçados harmoniosamente, como aventura, ficção científica e suspense.

Chegando às salas de cinema em 23 de agosto de 2019, sua estreia mundial no Festival de Cannes, em maio, foi agraciada por um dos prêmios mais disputados do evento, o Prêmio do Júri. Bacurau gerou 800 empregos diretos e indiretos durante

as filmagens nas cidades de Parelhas e Acari, interior do Rio Grande do Norte. Dessa maneira, os debates em torno da importância de políticas públicas que fomentam produções artísticas nacionais foram potencializados, remetendo-nos aos cortes de verba na Agência Nacional do Cinema (Ancine).

A obra cinematográfica distribuída pela Vitrine Filmes incita debates sobre choque cultural, imperialismo cultural e injustiça no interior do Nordeste. Segundo Rafael José Bona, no artigo “A semiótica do cinema: o signo paterno no filme Central do Brasil” (2007), filmes, sendo meios de comunicação que contêm um plano de expressão de signos, estimulam ressignificações de aspectos antes neutros (BONA, 2007), isolados da narrativa, e norteiam o telespectador a respostas distintas de acordo com associações e relações intertextuais realizadas subjetivamente.

Definimos, aqui, imperialismo cultural de acordo com o intelectual e escritor Edward Said (1995), que no livro *Cultura e imperialismo* (1995), discute sobre a influência dos pressupostos imperialistas na política e nas culturas ocidentais. De forma sucinta, designa a prática de um centro metropolitano dominante no contexto mundial de controlar, influenciar e comandar terras que não lhe pertencem, habitadas por outros povos com culturas diferentes (SAID, 1995).

Essa prática é sustentada por formações ideológicas que abarcam a noção de dominância e soberania, norteando para debates sobre etnocentrismo, sendo o país dominante um catalisador de ideias, formas, imagens e representações. Um cenário, em consonância com o retratado no filme brasileiro, que exemplifica as interferências de um país detentor de poder econômico maior em relação a outro, infligindo o imperialismo cultural, é quando há:

[...] o apelo ao poder e ao interesse nacional quando se conduzem os assuntos de povos inferiores; há o mesmo zelo destrutivo quando as coisas ficam meio ríspidas, ou quando os nativos se revoltam e repudiam um dirigente subserviente e impopular, que fora introduzido e mantido no poder pela potência imperial (SAID, 1995, p.16).

Como declarou o diretor Kleber Mendonça Filho, em uma entrevista, “no Brasil, parece que o público entende cada reação de personagem. Aqui, Bacurau é mais corretamente decodificado”, comparando com reações presenciadas na Austrália. Fomenta-se, por meio das declarações do diretor, a interpretação do filme sob um olhar crítico relacionado às interações sociais criadas pelos personagens de distintas

nacionalidades e regionalidades, conduzindo o olhar do telespectador para uma problemática pouco ilustrada no cinema: um Brasil subserviente dos Estados Unidos.

Encaminhamos a discussão do trabalho norteada pelas referências teóricas selecionadas, tendo em vista o contexto sociocultural em que se deu o longa-metragem. A seguir, iremos explorar uma perspectiva de análise sobre Bacurau apoiada na Semiótica da Cultura, englobando tanto a camada cinematográfica quanto a discursiva do filme.

3 – A SEMIOSFERA DO CINEMA BRASILEIRO EM BACURAU

Ao iniciar o filme, nos trinta minutos iniciais, o espectador é convidado a fazer um passeio em Bacurau através do olhar dos personagens que compõem a população do vilarejo. Essa escolha do roteiro é feita para familiarizar o público com a cidade e mostrar toda a cultura daquele povo. São mostradas suas crenças, seus costumes, suas construções e como as relações entre os cidadãos desenvolvem-se. Algumas histórias são contadas, diálogos mostram as ligações e distâncias entre personagens, e ações conjuntas revelam como a cidade se organiza em prol do bem viver.

Esses momentos introduzem a semiosfera da cidade ao público e como ela se desenvolve nos âmbitos locais de Bacurau. A chegada de Tony Jr à cidade, o prefeito, muito empenhado em conseguir votos para a próxima eleição, porém, negligente quanto às demandas da população e contenta-se em dar livros velhos, desgastados e desatualizados aos cidadãos, é uma cena que ilustra bem a união dos moradores. O prefeito depara-se com um vilarejo vazio, esnobado pelos habitantes devido às insatisfações com suas ações no cargo.

Após essa primeira meia hora, as ameaças e conflitos começam a aparecer a partir da chegada de dois forasteiros à cidade. Forasteiros que não estão completamente inseridos na semiosfera de Bacurau, o que é proposto pelo distanciamento físico, diferença socioeconômica e até mesmo pela aparência. Contudo, ainda compartilham algumas características, como a língua, por exemplo, já que eles também são brasileiros, porém, de outra região – são do sudeste do país.

De acordo com Yuri Mikhailovich Lotman, no livro *La semiosfera I: Semiótica de la cultura y del texto* (1996), eles podem ser considerados, por um breve momento, os tradutores entre o núcleo norte-americano e o núcleo brasileiro das respectivas

semiosferas (LOTMAN, 1996) por mais que exerçam essa função por pouco tempo durante o filme. Esse momento pode ser interpretado como um ponto de transição que vai desencadear nas mortes e ataques feitos a Bacurau e, conseqüentemente, na resistência da cidade. Depois da aparição da dupla forasteira, uma série de assassinatos inexplicáveis começam a acontecer, o público é apresentado então a um novo núcleo do filme, com personagens e locações completamente diferentes.

Os novos personagens são identificados como forasteiros, predominantemente norte-americanos e estão nas proximidades de Bacurau para exterminar a população em uma espécie de jogo em que os que mais matam pessoas vencem. O filme toma um perfil de suspense em que os cidadãos vivem em iminência de morte constante, sendo obrigados a encontrar uma forma de revidar.

O encontro dos dois núcleos no desenrolar do filme marca o encontro das duas semiosferas distintas, com visões e compreensões diferentes de mundo. A obra então se torna um faroeste moderno com diversos simbolismos, alguns apresentados durante todo o filme, como os caixões e os presságios de morte, outros a partir dos massacres e lutas travadas na cidade, como o sangue sendo usado algumas vezes até mesmo como um meio de comunicação entre os núcleos, por exemplo. É possível ver violência e as ambições que ambos os grupos têm como uma fronteira entre as duas semiosferas, a cidade quer ficar viva e os forasteiros querem exterminá-la, o que ambos podem analisar uns dos outros é como, quando, quem e porque usar da violência e da morte alheia para provar um ponto (LOTMAN, 1996).

No âmbito simbólico, Bacurau traz diversos paralelos com a realidade brasileira do passado e do presente, sendo representada em um futuro alternativo. O filme faz referência, por exemplo, à morte do bando de Lampião e Maria Bonita quando são mortos e suas cabeças são expostas nos degraus da prefeitura de Piranhas-AL. Do mesmo modo, no filme, os atiradores norte-americanos são mortos e têm suas cabeças expostas nos degraus da igreja de Bacurau por Lunga, que praticamente é um cangaceiro moderno, em uma referência e uma rima visual com a realidade muito forte.

Por meio disso, a cultura brasileira é suscitada como memória através desse método, afinal, conforme Lotman (1996) afirma, cultura é memória, e isso é visível tanto nas referências cinematográficas em Bacurau, quanto nas memórias de uma cultura brasileira expressa em tela. Um outro momento apresenta a cultura da morte

que permeia a mente brasileira; em um momento do filme, em uma TV de umas das casas de Bacurau tem uma mensagem que diz: “Execuções Públicas Recomeçam às 14h – Vale do Anhangabaú”, como uma clara referência e crítica ao pensamento muito comum e atual de grande parte da massa brasileira, que seria a banalização da violência e ver nela um ato de expurgo social. Por mais que seja apenas um detalhe, é algo importante de se salientar.

Em suma, cinematograficamente, Bacurau não é apenas um filme com temáticas atuais, mas é um ensaio sobre o comportamento de povos entre si quando há conflitos de interesses, que nenhum dos lados pode ou quer ceder, e relações de diálogo insustentáveis. Quando analisamos semioticamente, Bacurau transmite uma relação de comunicação através de atos e símbolos, envolvendo a manifestação de um povo que se diz superior e a resposta de resistência da cultura atacada. Quando um dos seus é morto, Bacurau estende o sangue do que foi abatido em seu varal para demonstrar que sabe o que está acontecendo e que as mortes não sairão de graça. As camadas são vistas e têm que ser interpretadas uma a uma.

4 – A SEMIOSFERA PRESENTE NO REGIONALISMO BRASILEIRO

Brasil possui uma extensão territorial diversificada, principalmente no aspecto cultural, se observarmos as semiosferas que aqui transitam e se desenvolvem e, claro, cada uma mantendo suas peculiaridades e representações simbólicas; embora coexistam no mesmo país, são diferentes a ponto de serem únicas. Nesse sentido, cada signo ou texto situado na memória cultural vai acarretar na formação de uma espécie de “cosmo” sógnico de um determinado grupo, o qual Lotman irá nomear de semiosfera (VELHO, 2009). O foco da análise em Bacurau nesta sessão é a semiosfera que o compõe. Ou melhor, a que ele é.

Para isso, é preciso ter em mente a compreensão do conceito de semiosfera na teoria semiótica lotmaniana. Irene Machado, em “Pensamento Semiótico sobre a cultura” (2013), diz que, de maneira imagética, entende-se a semiosfera como um espaço circular que em si possui um núcleo chamado centro; é nele onde reúne toda a tradição cultural, uma vez que ele é estático e incapaz de evoluir; e, ao seu redor, diferentemente, a periferia, que está às margens do centro, é dinâmica por causa da troca constante de informações com espaços externos à semiosfera em que está

(MACHADO, 2013). Assim, como bem ressalta Ekaterina Vólkova Américo, no artigo “O conceito de fronteira na semiótica de Lúri Lotman” (2017):

Esse espaço homogêneo faz margens com outras semiosferas, que podem ser vistas pela semiosfera em questão como cultura ou não-culturas, ou até mesmo como anticulturas. Toda cultura (semiosfera) necessita de outra cultura para definir a sua essência e os seus limites (AMÉRICO, 2017, p. 8).

As margens da semiosfera, para Lotman (1996), são um local de extrema importância, uma vez que nelas há os pontos de interseções com outras semiosferas, isto é, ambiente em que ocorre o conflito entre os signos. E, onde seriam as interseções, denomina-se fronteira, a qual é o ponto divisor que “possibilita a troca de informações entre a semiosfera e o espaço que a circunda” (AMÉRICO, 2017, p. 8), ou seja, além delimitar uma semiosfera de outras semiosferas, também as une. A semiosfera, portanto, seria o ambiente que comporta elementos culturais significativos, os quais são acessados, combinados e traduzidos.

Posto isso, o filme Bacurau apresenta-nos a semiosfera de uma cidade fictícia de mesmo nome, localizada no Oeste pernambucano. Seu centro é concretizado pelos moradores locais e todos os elementos culturais característicos daquela região, comportamentos, maneira de falar, visão de mundo etc. Tudo que há de comum entre eles é um laço cultural. Região essa de um Nordeste futurista, distópico, por assim dizer, surreal e com pleno funcionamento de aparelhos eletrônicos, marcado também pela união de todos indivíduos que vivem ali.

Assim, como fica evidenciado numa das cenas iniciais do filme, após a morte de uma integrante local, Carmelita, é apresentado ao espectador a intimidade dos moradores quando todos da cidade acompanham o trajeto do caixão para a sepultura. Tal cena nos mostra o sentimento harmônico estabelecido na comunidade. Simbolicamente, revela que Bacurau se trata de um coletivo, de uma unidade.

A periferia, que circunda o centro da semiosfera de Bacurau, é entendida como todos os organismos que estão à margem, mas que fazem parte da mesma semiosfera em que o centro está. Os setores periféricos por serem mais flexíveis apresentam menos resistência e se desenvolvem de maneira mais dinâmica. A título de exemplo, o prefeito, materialização do poder estatal, é considerado uma ameaça para integridade do centro, por querer mudá-lo. Como bem é visualizado na cena em ele visitou a cidade e foi rejeitado pela população.

O prefeito, por ser cúmplice dos forasteiros, os quais fazem parte de outra semiosfera, representa a semiose que ocorre na periferia. E, justamente por ele aderir aos planos dos forasteiros, incorpora textos que fazem parte de outra semiosfera. Tudo isso acontece através do contato fronteiro entre essas duas semiosferas, a dos forasteiros e a de Bacurau. Visto que esse processo de recepção de novos textos advindos de outras semiosferas é chamado de tradução.

É bastante notável também o conflito entre semiosferas. O momento em que os forasteiros sulistas cheiram a garrafa d'água antes de beber e puxam assunto de maneira soberba revela a prepotência de homem branco e que tem uma visão deturpada de superioridade em relação aos habitantes de Bacurau, justamente por serem nordestinos. Representam um traço cultural que perpassa por eles.

A partir daí, a população apresenta resistência a eles, representando uma das funções da fronteira. Tendo em vista que seu “objetivo é limitar a invasão incontrolável dos elementos ‘alheios’” (AMÉRICO, 2017, p. 9). Logo, com a invasão dos estrangeiros e a resistência do povoado nos remete simbolicamente ao choque cultural entre as semiosferas, e a permanência da integridade do centro de uma delas. Em suma, Bacurau é uma obra sobre resistência identitária regional.

5 – OS SISTEMAS MODELIZANTES EM BACURAU

Ao conceber cultura como texto, mais especificamente, a organização de textos, Lotman (1996) conceitua o que ele vem a chamar de “sistemas modelizantes”. A noção de sistema modelizante é proveniente da correlação de um texto com outros sistemas de significados mais amplos, dialogando com outros códigos que circulam em culturas diversas, ou seja, há de se levar em conta “não apenas as relações intratextuais, mas também as relações extratextuais e que surgem do confronto do último com o primeiro [texto]” (LOTMAN, 1996, p. 169, tradução nossa).

Em consonância, Velho (2009) afirma que, devido aos avanços nos processos de interação, surgem novas formas de linguagem que constroem o “arcabouço informacional”, pois cultura é informação afinal. Dessa forma, a língua é posta como sistema modelizante primário. Isto é, porque ela possui uma estrutura passível de organizar a cultura do mundo, além de possibilitar a criação de novas linguagens. Assim afirma Velho (2009):

[...] a língua é o sistema primário porque é a partir dela que se dá a culturalização do mundo, que a natureza e seus fenômenos e fatos se humanizam; que o pensamento se constrói. A língua modeliza a realidade, que dá lastro à mediação social. Sobre ela se constroem os sistemas secundários, que modelam aspectos parciais dessa realidade (VELHO, 2009, p. 254).

Na linguagem cinematográfica, é comum a presença interdependente da língua, com diversos sistemas modelizantes secundários: a música, os elementos visuais, símbolos etc. Em Bacurau, essa relação mostra interessantes particularidades. O roteiro em português já demarca a nacionalidade da obra e relaciona-se com todos os aspectos presentes no filme que conversam com a cultura brasileira, principalmente o regionalismo nordestino. Contudo, em certas cenas, a língua inglesa aparece em contraposição ao português, por meio do contato entre dois sistemas modelizantes primários.

É bastante perceptível como as línguas distintas caracterizam os personagens que as utilizam, o que mostra o potencial da língua como categorizador da cultura. Uma das premissas do filme é marcar esse distanciamento cultural entre os habitantes de Bacurau e o grupo de americanos enviados para o local, e a utilização da língua é uma das formas de transparecer essa ideia.

O conceito de tradução também é evocado nessa relação entre os sistemas modelizantes. Lotman (1996) parte da ideia de que é preciso um ponto de contato em comum entre os indivíduos que estabelecem algum tipo de interação. O diálogo, portanto, parte de algo compartilhado (geralmente a língua) para se apropriar de algo novo. A tradução pode por vezes atuar como uma fronteira entre semiosferas distintas, como ocorre em Bacurau.

Em uma de suas cenas, dois moradores de Bacurau entram em um conflito armado com uma americana, a qual acaba ferida e não consegue pedir ajuda sem utilizar um equipamento eletrônico de tradução. Essa é uma cena que representa como os avanços da tecnologia transformaram os processos de comunicação e interação social.

Os sistemas modelizantes secundários presentes no longa-metragem são inerentes à linguagem cinematográfica e por si só representam o que Velho (2009) defende ao dizer que, apesar de não possuírem uma estrutura, eles estabelecem

“estruturalidades”, ou seja, “relações específicas que dão conta das diferentes situações da vida, isto é, traduzem fenômenos em cultura [...]” (VELHO, 2009, p. 255).

A caracterização do ambiente representado na imagem utiliza signos presentes na memória coletiva daqueles que não só conhecem as características geográficas do nordeste brasileiro, como outros códigos intrínsecos à cultura brasileira, tal qual a arquitetura das casas modestas, a vestimenta dos personagens, o ritmo de suas músicas, entre outros aspectos. Em uma das cenas iniciais, o filme utiliza a imagem como recurso metafórico, mostrando o caixão da senhora “Carmelita”, uma grande figura matriarcal da cidade, transbordando água.

Sem interação verbal, a cena transmite uma informação por meio desses signos: cria-se, dessa forma, uma metáfora para representar o destino fadado dos habitantes com a falta d’água. A partir da organização das informações da cultura, o filme estabelece a sua forma de comunicar uma realidade, a partir da conotação, da subjetividade, de símbolos audiovisuais e linguísticos e, acima de tudo, evoca a memória coletiva. Nesse sentido, analisar de que maneira os diretores usufruíram dos sistemas modelizantes para incitar ideias, opiniões e sugestões nos telespectadores evidencia a capacidade de sistemas sógnicos nortearem a uma estrutura de informações sem estarem explicitamente manifestadas, necessitando decodificação.

6 – CULTURA E MEMÓRIA EM BACURAU

De acordo com Lotman (1996), cultura é um feixe de sistemas semióticos formalizados historicamente com um conjunto de informações não hereditárias, que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam, conservam e transmitem. É um sistema semiótico de textos e, enquanto tal, um sistema perceptivo, de armazenamento, divulgação de informações, função formadora de sentido e de memória de sentido.

Ao falarmos de Nordeste, somos remetidos à memória do cangaço brasileiro, iniciado no século XVIII, e que, mesmo com seu fim em meados do século XX, continua a ser lembrado e reproduzido em cidades no interior do Nordeste. Em Bacurau, quem toma esse papel é o personagem Lunga, fictício cangaceiro que é procurado pela polícia, porém, adorado pelo seu povo, assim como os cangaceiros de séculos atrás. Esse é um exemplo de sistema semiótico que está armazenado na cultura da cidade. Assim como o velório da Dona Carmelita, quando a sociedade da

pequena cidade de Bacurau expõe a conservação da tradição de carregar o caixão de uma cidadã conhecida e querida por todos até o sepultamento, enquanto cantam.

A cultura armazena novas informações e tradições, codifica-as, recodifica-as e faz a tradução necessária para outro sistema de signos, inserindo-as na memória coletiva (seleção de alguns textos) e seletiva (exclusão de alguns textos). Essa memória coletiva é representada na obra por meio do museu localizado na cidade, que, mediante alguns textos (imagens de cidadãos, heróis cangaceiros, vestimentas, armas), atravessa o tempo e contribui para a memória coletiva dos cidadãos de Bacurau, desvelando a cultura construída naquela região.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como os autores Alexandre Palma, Monique Ribeiro Assis e Murilo Mariano Vilaça muito bem afirmam no artigo Bacurau: uma metáfora do Brasil atual (2019), analisar uma obra de arte não constitui uma tarefa simples, pois pode-se pensar em algo que não era o propósito dos autores. Contudo, sabendo que a arte tem o objetivo de provocar, de causar inquietação, mais arriscado que tentar analisar uma obra, seria deixá-la passar despercebida. Este trabalho teve como base os conceitos da Semiótica da Cultura, os quais levam em consideração fatores históricos, linguísticos e sociais a fim de chegar a uma possível interpretação e, logo mais, a uma conclusão sobre a obra analisada.

Embora um filme seja uma obra de arte direcionada para diversos grupos sociais, o longa-metragem em questão exibe uma relação mais “íntima” com o público brasileiro, uma vez que retrata situações incorporadas na semiosfera nacional, desde rotinas domésticas a cenas de injustiça e violência, e resgata memórias que estão presentes na nossa história. Essa relação fica ainda mais estreita se pensarmos em semiosferas regionais, com as quais a identificação de alguns grupos com a história retratada no filme será maior.

Percebemos, posto isso, que Bacurau é uma obra cinematográfica que projeta o Nordeste em uma visão futurista, mas que ainda carrega muita valorização pela trajetória histórica regional. Com base em nossa análise, ancorada em discussões teóricas da Semiótica da Cultura, notamos que a região futurista retratada no filme permanece em opressão e resistência, uma relação mútua tal qual no presente e no passado, a partir de violência e autoritarismo. Isso nos remete ao Nordeste resistente

à pressão fascista discriminatória e excludente das eleições de 2019, julgando sua cultura regional, seus costumes e identidades singulares.

A coisificação do ser humano transforma-o em um objeto descartável, apreciado e mantido íntegro desde que as necessidades dos opressores sejam atendidas. Em “Bacurau”, personagens são mortos simplesmente por discordarem de atitudes e exigências de terceiros. Traz-nos, dessa forma, a representação das situações violentas e oportunistas em nosso país, em que muitos são mortos sem motivo aparente, de forma injustificável, e, principalmente, sobre a relação subserviente do Brasil com os países mais desenvolvidos e com caráter imperialista, como os EUA. Há, ainda, a questão da desterritorialização, que nos remete às questões indígenas e também ligadas à preservação do meio ambiente.

Em vista disso, por meio das análises feitas com conceitos da Semiótica da Cultura, podemos concluir que o filme é uma obra repleta de metáforas que nos permite refletir criticamente sobre a atual situação política e social de nosso país. A produção “fotografa” o presente e “rascunha” uma visão de futuro para uma nação submissa aos anseios e desejos norte-americanos e europeus, entregando recursos naturais e territórios nacionais por meio de acordos políticos, negociando poder e influência entre países de perfil colonialista. Bacurau incita apreciação pela divulgação fidedigna da história nacional e pela resistência da identidade social de um povo.

REFERÊNCIAS

AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. **O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lotman**. Bakhtiniana, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 5-20, 2017.

Bacurau arrecada R\$ 1,5 milhão em bilheteria no primeiro final de semana. **UOL**, São Paulo, 02 de set. de 2019. Filmes e Séries. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/09/02/bacurau-arrecada-15-milhao-de-bilheteria-no-primeiro-final-de-semana.htm>. Acesso em: 02 fev. 2020.

BONA, Rafael José. **A semiótica do cinema: o signo paterno no filme Central do Brasil**. Passo Fundo, 2007.

DAEHN, Ricardo. Premiado em Cannes, 'Bacurau' estreia no circuito comercial. **Correio Braziliense**, Brasília, 29 ago. 2019. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/08/29/interna_diversao_arte,779627/premiado-em-cannes-bacurau-estreia-no-circuito-comercial.shtml. Acesso em: 02 fev. 2020.

LOTMAN, Yuri Mikhailovich. **La semiosfera I**: Semiótica de la cultura y del texto. Tradução de Desidério Navarro. Valência: Frónesis Cátedra, 1996.

MACHADO, Irene. Pensamento Semiótico sobre a cultura. **Revista Usp**, Vitória, v. 2, n. 86, p.157-166, 2013.

PALMA, Alexandre Palma; DE ASSIS, Monique Ribeiro; VILAÇA, Murilo Mariano. Bacurau: uma metáfora do Brasil atual. **Revista Práxis**, v.11, n. 22, dez. 2019.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VELHO, Ana Paula Machado. A Semiótica da Cultura: Apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Recebido. Estud. Comunicação.**, Curitiba, v.10, n. 23, p. 249-257, set./dez. 2009.

VELHO, Ana Paula Machado. A Semiótica da Cultura: Apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Estud. Comunicação.**, Curitiba, v.10, n. 23, p. 249-257, set/dez 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22315>
Acesso em: 29 set. 2020.